

tiva encenadas propendem para opções literárias que, sob pretexto de um *décor* medievalista entre o mimetizado e o ironicamente subvertido, transcontextualizam o passado e os seus emblemas numa contemporaneidade solvente e decetiva que, questionando exemplaridades ou dogmatismos, desagua – quicá à *contrecœur* – em universos libertados, mas, ainda assim, de indecidível incerteza, solidão, abandono, vazio e morte.

Ana Maria Machado

<https://orcid.org/0000-0003-4392-2999>

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_12\\_16](https://doi.org/10.14195/2183-847X_12_16)

#### **DE LOS TRABAJOS Y LOS DÍAS.**

#### **FILOLOGÍAS**

#### **DARÍO VILLANUEVA**

**Santiago de Compostela: Universidade**

**de Santiago de Compostela, 2020**

**342 páginas, ISBN 9788417595999**

O livro de Darío Villanueva *De los trabajos y los días* inscreve no seu subtítulo o termo “Filologías”. Assim mesmo: um plural que flexiona um vocábulo (e um conceito) fundacional, às vezes controverso e todavia persistente. Por sua vez, o título deixa transparecer com nitidez as alusões autobiográficas, metanarrativas, pedagógicas e mesmo civilizacionais a que obriga a lição de Hesíodo que inspirou o dito título. Dessa lição provém o plural que aqui interessa sublinhar, como ponto de partida para uma aproxima-

ção a uma obra em que está plasmado o trajeto académico e científico de Darío Villanueva.

Como protagonista de uma fecunda e alargada vida académica das mais destacadas da sua geração, Darío Villanueva relata-nos o seu percurso profissional expandido pelo mundo, na melhor tradição galega. No seu caso, a viagem sempre se completa com o regresso à Galiza, aos mestres que marcaram a sua formação, aos livros de sempre e para sempre; simbolicamente, ecoa nesse trajeto a referência a uma estreita rua de Santiago de Compostela, cuja placa toponímica se encontra estampada na capa do livro de Villanueva, lembrando, em galego, um movimento que não cessa: Tránsito dos Gramáticos. Cabe aqui lembrar, aliás, que o último livro de Darío Villanueva em data, *El Quijote antes del cinema: filmoliteratura* (2020), trata, à sua maneira, do regresso a uma certa origem. Como quem inevitavelmente volta a casa e à narrativa de todas as narrativas, em diálogo com uma arte (o cinema, evidentemente) que Cervantes antecipou, muito antes do tempo em que essa arte da imagem e da visualidade foi possível.

A nutrida bibliografia de Darío Villanueva e o currículo que a enquadra, explanados em 80 páginas do volume *De los trabajos y los días*, dão testemunho eloquente da relevância e da abrangência do percurso académico e cultural do autor. Desse percurso nunca desapareceram a narra-

tiva, o romance e alguns dos seus mais eminentes cultores: Azorín e Pérez de Ayala, Pío Baroja e Emilia Pardo Bazán, Valle-Inclán e Camilo José Cela, Elena Quiroga, Torrente Ballester e o romance hispano-americano, entre outros. E sempre o *Quijote*, com o já mencionado direito de acesso ao cinema como sucedâneo da literatura.

Conforme recorda o autor em *De los trabajos y los días*, o cinema e dois poetas maiores da modernidade são convocados no seu livro *Imágenes de la ciudad. Poesía y cine, de Whitman a Lorca*, de 2008 (edição definitiva em 2015). Deste cruzamento de representações da cidade (representações de onde não está ausente uma virtual ou efetiva narratividade emergente na poesia) deduz Villanueva “un comparatismo que, tal y como proponía T. S. Eliot (...), considere a la literatura un territorio sin fronteras (...), rica por las múltiples moradas que a partir de la unidad y la diversidad nos enseñó a ver en el arte de la palabra otro maestro recordado, Claudio Guillén” (p. 36). Muito disto é o que pode ler-se num livro de Darío Villanueva, escrito com Haun Saussy e César Domínguez, *Introducing Comparative Literature: New Trends and Applications* (2016), obra evocada numa entrevista reproduzida em *De los trabajos y los días* (p. 190), na qual de novo surgem os magistérios de Eliot, de Guillén e, antes deles, de Enrique Moreno Báez (cf. pp. 21-24). Insisto em Claudio Guillén porque, também para mim,

ele foi um *maître à penser*, no estudo da literatura e na forma de a ensinar. Para devidamente o evidenciar, lembro palavras do próprio Guillén citadas por Darío Villanueva, quando fala da capacidade para fazer confluir “tres clases de saber y tres cauces de investigación: la lectura atenta de los textos, su justa situación en la historia de la literatura y el uso apropiado de términos teóricos” (p. 73).

Em *De los trabajos y los días* comparecem outros nomes que Darío Villanueva reconhece como influentes referências formativas. São, todas elas, personalidades provindas de um tempo em que um universitário se fazia sem submissão à indústria do currículo, praticando um ensino magistral e sem complexos de o cultivar. Nomes como os de Emilio Alarcos e Ricardo Gullón, Enrique Moreno Báez e Carmen Bobes Naves, Umberto Eco e Francisco Ayala, Fernando Lázaro Carreter e Alonso Zamora Vicente. Todos estes e outros mais estão projetados no trabalho de Darío Villanueva, sem que isso o tenha impedido de traçar, com independência de pensamento, o seu próprio caminho.

Sublinho aquilo que, nas páginas do livro *De los trabajos y los días*, bem revela que Darío Villanueva foi, também ele, o mestre que incontáveis discípulos seguramente escolheram como tal. Reporto-me aos seus títulos e distinções académicas, aos cursos que lecionou, na sua universidade e em muitas outras escolas pelo mundo, às

teses que dirigiu, às funções de governo que desempenhou, com destaque para a de reitor da universidade em que se formou, aos livros que publicou, por si só ou em coautoria, à investigação que desenvolveu, às centenas de artigos que escreveu, bem como à atividade de crítico literário que igualmente tem exercido.

Tudo isso e mais, incluindo dois campos de ação que quero ainda mencionar. Em Ediciones Taurus (cf. pp. 60-63), Darío Villanueva dirigiu a coleção “Teoría y crítica literaria”, iniciativa fundamental para a renovação dos estudos literários no universo da língua espanhola, com extensão ao cenário português. Comparecem naquela coleção figuras da dimensão de Mikhail M. Bakhtin e Wayne Booth, Northrop Frye e Gérard Genette, Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, entre outros. A outra instância de atividade que, pelo seu significado e efeitos, deve ser sublinhada é a que se desenrolou na Real Academia Española. Nela, Darío Villanueva viveu aquilo a que chamou um “parêntesis” como professor (cf. p. 97), durante uma década, de 2008 a 2018, ano este em que cessou o seu quadriênio como trigésimo diretor da grande instituição fundada pelo marquês de Villena. Leiam-se, em *De los trabajos y los días*, as páginas consagradas àquele quadriênio e perceber-se-á que o “parêntesis” foi bem fecundo, em razão de uma dinâmica direção que combinou três dimensões: a intelectual, a institucional e a gestora.

Pela inevitável brevidade desta resenha, torna-se difícil fazer plena justiça à densidade e à diversidade da reflexão que Darío Villanueva explicou em *De los trabajos y los días*, como amplo espelho do seu labor, nos vários domínios que ele compreende. Ainda assim, não deixo de aludir a três questões por assim dizer finais. Primeira: a crise das Humanidades e as razões (ou sem-razões) que a explicam. Darío Villanueva interroga-se sobre “que literatura habrá de enseñarse en un inmediato futuro a los jóvenes europeos” (p. 79); a resposta para a crise parece estar nos estudos de literatura comparada. Pergunto: serão eles adequados aos três componentes envolvidos na equação, ou seja, futuro imediato, jovens e europeus? Segunda questão: os estilhaços lançados em várias direções pela expansão de um vírus chamado desconstrução afetam o sentido literário propriamente dito e a legitimidade do ensino da literatura; em síntese, Villanueva declara que os próprios estudiosos postulam “que la literatura no significa nada o lo significa todo, que el texto no tiene ninguna consistencia de sentido” (p. 82). Como resistimos a este *hara-kiri*? Última questão – ou já princípio de resposta: é viável o retorno à filologia (como propôs Edward Said), em aliança com as teorias empíricas? Podemos conjugar com ela, sem lesão epistemológica, o polissistema que envolve a produção dos textos, a sua receção, o mercado, os sistemas semióticos e as circunstâncias